

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: *K2R00213*

Data: *9 de agosto de 1987*

Pg.: *17*

Sídnei Possuelo, o último sertanista

Um homem da estirpe de Chico Meireles e dos irmãos Vilas-Boas

Marcelo Tognozzi

ALTAMIRA (PA) — "O índio é o homem nu, despido de tudo o que nossa civilização construiu em milênios". A definição é de alguém que convive com comunidades indígenas há 22 anos, exercendo uma profissão que está em extinção no Brasil: a de sertanista. Sídnei Possuelo, 47 anos, quatro filhos, 34 malárias, é considerado o último dos grandes sertanistas — homem do calibre dos irmãos Vilas-Boas e Francisco Meireles — em atividade.

Depois de viver em aldeias, participar de oito frentes de atração de índios isolados, ter sido seqüestrado e preso como refém no Parque do Xingu — quando por três vezes quase perdeu a vida —, Possuelo ainda tem o mesmo entusiasmo do rapaz que, com pouco mais de 20 anos, resolveu fazer uma expedição pelo Brasil Central e acabou virando sertanista "por um profundo amor à profissão" e por obra e graça de Orlando Vilas-Boas. Parece que estava escrito. Sídnei nasceu em um 19 de abril, o Dia do Índio.

Isolados — No Posto Indígena de Cachoeira Seca, às margens do rio Iriri, localizado a cerca de 400 quilômetros de Altamira em plena selva paraense, Sídnei mais uma vez tentou e não conseguiu ver um grupo de índios do tronco lingüístico caribe, há seis anos identificados por sua equipe, mas até hoje não contactados. O trabalho de atração de índios que nunca mantiveram contato com brancos ganhou força este ano, quando a Funai criou a Coordenação de Índios Isolados, cujo titular é o próprio Sídnei Possuelo.

Hoje existem 39 grupos de índios isolados no Brasil já catalogados, mas acreditamos que ainda existam pelo menos mais uns 10 que ainda podem ser identificados. Nós agora vamos dar um outro tratamento aos índios isolados, que antes só passavam a existir formalmente para a Funai quando entravam em conflito com madeireiros e garimpeiros que invadiam suas terras. Agora queremos identificar e localizar os grupos, realizando um trabalho de proteção, antes que haja qualquer conflito — explicou o sertanista.

Vivendo no Posto de Cachoeira Seca também está o sertanista Afonso Alves da Cruz, 52 anos, veterano da época do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) criado por Rondon. A vida que Afonso e a equipe de oito pessoas levam no posto mostra que o sertanista é o antimarajá. Ali a média salarial gira em torno dos CZ\$ 10 mil e a sobrevivência depende da caça e da pesca. As casas foram construídas pela própria equipe do posto com barro, pau a pique e teto de folhas de palmeira. Nenhuma mordomia.

— Acho mais fácil conviver com os índios do que com os brancos, porque o índio ainda guarda uma sinceridade que os brancos já perderam há muito tempo. A simplicidade também conta muito — observou Afonso, que já foi vítima de um ataque por parte dos araras, em 1979, quando teve duas flechas cravadas no peito e conseguiu sobreviver.

Momentos — Enquanto caminha por uma picada aberta na selva, Sídnei vai contando como funciona a cabeça dos índios que não sabem sequer que Altamira existe e que imaginam os brancos vivendo numa grande aldeia composta por inúmeras malocas.

— O índio dentro da mata tem um mundo próprio, onde tudo está explicado. Seu território é defendido por guerreiros armados de arco e flecha. Depois que descobrem a nossa civilização, sinto que ficam tristes, porque todas as suas projeções caem por terra. Quando descobrem que somos mais fortes, aparece um sentimento de impotência. Muitas vezes comunidades inteiras optam pelo infanticídio para evitar a perpetuação de uma etnia que será dominada pelos brancos. É o caso dos avá-canoeiros, dos acurinins e dos arauetés.

Altamira (PA) — Manoel Chaves



Sídnei, a entrega absoluta à vocação

Sídnei ensina que existem três momentos importantes na história de um grupo indígena que é contactado. Primeiro, é preciso estudar os antecedentes da comunidade, o sofrimento que passou, suas perdas, o ódio contra a sociedade mais forte. Depois, é o contato com a civilização que deve ser feito não no sentido de desbravamento, de conquista, mas como atividade pioneira. Essa fase termina quando a comunidade está em paz. Por último, vem a criação do posto indígena.

— Essa terceira fase é instrutiva e educativa. Vai preparar o grupo para o convívio com a nossa sociedade terrível, aprender a agüentar o branco. A sociedade do homem branco não perdoa um povo com tecnologia mais fraca. Temos que mudar esse conceito, porque, embora a moral não o permita, esse comportamento continua a existir. Por isso não se pode forçar o contato para integrar o índio rapidamente, nem colocá-lo numa redoma artificial. Por que não deixar o índio escolher? — pergunta o sertanista.

Parentesco — Mais adiante, ainda na picada, Sídnei mostra um machado de pedra semi-enterrado na terra, revelando que toda a área dos iriris é um imenso sítio arqueológico ainda inexplorado. O sertanista examina a peça com cuidado.

— Veja só, isso foi feito pela mão do índio. Um indígena levou dias passando este machado na pedra para ganhar forma. A sobrevivência na mata é difícil. Tudo o que um índio tem é fruto do seu trabalho, suas mãos são ásperas e calejadas. Numa comunidade indígena, todo homem pode sobreviver sozinho.

— *E vivendo todos esses anos no meio dos índios, meses e meses na selva, você nunca teve uma namorada índia?*

A resposta de Sídnei vem automática:

— Não, não pode. Eu sinto como se fosse um relacionamento de parentesco. Sinto os indiozinhos como se fossem meus filhos, as índias como se fossem minhas irmãs. Seria algo incestuoso para mim, porque a Funai é tutora e tutor é pai. Não tenho nada contra um homem branco se casar com uma índia, mas jamais permitirei que alguém se aproveite de uma índia ou índio pelo fato de estar numa posição privilegiada.

Sídnei Possuelo acredita que a profissão de sertanista breve estará extinta:

— Espero não ser o último — avisa, acrescentando que, pelo ritmo de destruição que a selva brasileira vem sofrendo, os sertanistas só terão trabalho por mais 15 ou 20 anos.

Hoje são 10 os sertanistas em atividade nas matas brasileiras.